



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

MARLENE KRÜGER HELLING

2014

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpendo Memórias

Número da entrevista: E-427

Entrevistada: Marlene Krüger Helling

Nascimento: não informado

Local da entrevista: Câmara de Vereadores - Pelotas.

Entrevistadoras: Suellen dos Santos Ramos e Suélen de Souza Andres.

Data da entrevista: 30/05/2014.

Transcrição: Luiza Aguiar dos Anjos

Copidesque: Pamela Siqueira Joras

Pesquisa: Pamela Siqueira Joras e Silvana Vilodre Goellner

Revisão Final: Silvana Vilodre Goellner

Total de gravação: 12 minutos e 08 segundos

Páginas Digitadas: 5

Observações:

Entrevista produzida para o *Programa Futebol e Mulheres* desenvolvido pelo Grupo de Estudos sobre Esporte, Cultura e História (GRECCO)

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

Sumário

Início da neta, Rubiani Helvic Klug, no futebol; Apoio da família; Participação na equipe do Esporte Clube Pelotas; Convocação para a seleção; Competições que a neta participou;

Pelotas, 30 de maio de 2014. Entrevista com Marlene Krüger Helling a cargo das pesquisadoras Suellen dos Santos Ramos e Suélen de Souza Andres para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

S.R. – Dona Marlene, eu gostaria que a senhora nos contasse um pouquinho da trajetória da sua neta no futebol, a Rubiani.¹

M.K. – Ah, ela começou muito cedo. Ela já gostava. Sempre trocava a bola pela boneca e começou a jogar futsal no colégio. Depois eles procuraram o Pelotas². O Planela³ começou o futsal também, ela entrou, eu não sei agora bem certo com que idade, mas foi uma das primeiras que começou junto com ele no futsal. E de lá ela agora veio para o campo, para treinar no campo.

S.R. – E como é que a família reagiu a essa escolha da Rubiani?

M.K. – Muito bem! Todo mundo está apoiando ela. Os pais, a dinda, tia, primos, avós, todo mundo. Tanto que eu levo, busco e adoro ver ela jogando. Nós acompanhamos os treinos, as competições...

S.R. – E como é que foi a reação da família quando ela foi convocada pra seleção brasileira?

M.K. – Ah, na hora foi uma surpresa, foi um choque. Porque a gente pensou assim: “Meu Deus! Essa guria vai viajar pro Rio de Janeiro e não conhece nada. Como é que nós vamos fazer?” E tínhamos que arrumar as “papelama”, tudo muito rápido, aconteceu no período de uma semana. Mas depois deu tudo certo. Acompanhamos ela até o aeroporto de Porto Alegre e de lá ela foi, se despediu e foi reto, não olhou pra trás e tranquilo.

S.R. – Muito choro?

¹ Rubiani Helvic Klug.

² Esporte Clube Pelotas.

³ Marcos Planela Barbosa.

M.K. – Não, até que não, porque a gente sentiu firmeza nela. Mas quando ela voltou sim, aí a gente se emocionou porque, puxa né, ela ir pra Granja Comary. Puxa, que honra! Era uma honra para o colégio dela, fizeram uma baita faixa, esperaram ela. Foi uma benção. E quem sabe se um dia ela não pode ir de novo pra seguir o que ela gosta muito.

S.R. – A senhora gostaria que ela tivesse o futebol, futuramente, como profissão?

M.K. – Com certeza. Se for o sonho dela, eu apoio sempre.

S.R. – E a senhora nota se ela se ela encontra alguma dificuldade para jogar futebol?

M.K. – Não. Ela tem muita força de vontade. E procura, porque o Planela cobra muito, as notas do colégio têm que estar sempre boas porque senão não tem treino. Então ela está sempre correndo atrás e é sempre muito pontual. ”Eu não posso chegar tarde no treino! Eu não posso chegar tarde no colégio!” Ela está sempre correndo, sempre é bem firme.

S.A.. – Ela já competiu com meninos? Jogou alguma vez, em alguma competição, com meninos?

M.K. – No campo não, só no futsal.

S.A. – No futsal ela já participou?

M.K. – Já, no colégio.

S.A. – E vocês assistiam?

M.K. – Sim.

S.A. – Alguma vez, quando ela entrou pra jogar, vocês escutaram alguma coisa, em relação a ela ser menina e estar jogando com os meninos?

M.K. – Não. Não posso dizer por que a gente não ouviu. Durante todo o tempo no colégio, realmente, ela jogou futsal, mas jogou no time masculino. Era só ela de menina.

S.A. – E ela jogava na linha ou no gol?

M.K. – Não, ela é goleira. Ela começou na linha e depois ela passou para o gol. Depois que ela começou com o Marcos, aí sim era só com meninas. Mas no colégio dela, que ela estuda no Simon⁴, aqui em Pelotas, ela treinava com os meninos porque não tinha time de meninas.

S.A. – E quando ela começou a treinar com as meninas, ela comentou se teve alguma diferença?

M.K. – Não. Claro, ela aceitou tudo, foi muito legal, porque ela gostou logo. Mas, se fosse para ela hoje seguir jogando, ela seguia jogando no meio dos meninos que ela não ia se importar. Ela é muito de... Como vou dizer? Ela não tem aquela coisa assim: “Ah não, é menino ou é menina”. Para ela está tudo bem.

S.A. – Ela quer é jogar bola?

M.K. – É, ela quer jogar bola, ela era nova. Eu tenho um ateliê e a mãe dela e a madrinha dela, minhas filhas, trabalham comigo, de noite ela chegava: “Vó, vó, vamos jogar um pouco de bola?” Isso com quatro, cinco anos de idade. Eu tinha que atirar a bola e ela pegar, então, foi desde pequena, sempre com a bola. E a maninha dela acho que está seguindo o mesmo caminho.

S.R. – Bom, então a senhora disse que ela começou a jogar com os meninos e na linha. E essa troca de posição da linha para o gol, como foi vista?

M.K. – Ela adorou o gol.

S.R. – E vocês o que acharam?

M.K. – O pai dela até disse: “O gol é mais pesado”. Ele achava que a linha era melhor, mas a opção dela é o gol. Tanto que no ano passado ela foi convocada para ir para a seleção treinar dez dias, treinou direto como goleira. Bom! Ela deve ter falado já.

S.R. – Ela comentou algumas coisas da iniciação dela, como foi na Granja, mas é interessante ouvir o lado familiar da história também.

M.K. – Estamos incentivando ela bastante, apoiando. A mesma coisa hoje, ela já pergunta: “Quem é que vai comigo hoje?” Claro que a mãe dela trabalha então ela dizia: “Então a vó vai contigo que amanhã eu vou”. Mas eu me interessei de vir amanhã também porque gostei. É bem interessante.

S.R. – Vocês a acompanham direto nos campeonatos, nos treinos. Ela comentou conosco que ela começou a treinar com meninas mais velhas.

M.K. – Ah, sim, no Pelotas sim.

S.R. – E como é isso para vocês? Têm alguma resistência ou acham tranquilo?

M.K. – Tranquilo. Elas foram jogar em Piratini⁵, foram jogar em Bagé⁶, e naquele tempo ainda era tudo misturado, era futebol de campo, amistoso, mas com outras bem mais velhas que ela. Só que agora, ele fez assim: “Começa tal idade até tal idade”.

S.R. – Então ela sempre jogou com meninas mais velhas que ela?

M.K. – Sim, ela começou e sempre gostou. E agora ele fez aquela classificação de categorias, agora ela não está mais no futsal porque ela já passou da idade. No futsal é só até os doze anos então agora ela entrou para o campo.

⁴ Colégio Sinodal Alfredo Simon

⁵ Cidade do estado do Rio Grande do Sul

⁶ Cidade do estado do Rio Grande do Sul

S.A – Tem alguma coisa que a gente não perguntou que a senhora gostaria de complementar?

M.K. – É que eu sou muito falante, já falo antes de vocês perguntarem. [riso]

S.R. – Não tem problema [riso]. Para concluir, qual a sua perspectiva com relação a ela no futebol?

M.K. – Eu espero que ela tenha um bom futuro e possa ter uma boa carreira. Possa ter sucesso, ir em frente. Isso é o que eu espero.

S.R. – E nessa curta carreira que ela já tem qual o momento mais marcante que para a senhora ficou guardado?

M.K. – Foi quando ela treinou no Lobo⁷ e quando nós recebemos a notícia que ela tinha sido convocada pra seleção. Aquilo ficou...*Barbaridade!* Porque aquele dia eu e o avô estávamos atrás do gol e ela estava atacando. *Bah!* Eu torcendo atrás dela e brincando: “Tá, tudo bem!”. Eles estavam ali e eu vi que eles estavam ali, mas nem imaginei que *ela* ia ser a escolhida. Quando nós ficamos sabendo, ah meu Deus! Eu só agradei a Deus. [riso] Na hora foi muito emocionante, aquilo vai ficar guardado pra sempre, foi uma emoção muito boa para todos nós, *bah!* E todos com quem conversávamos, todos diziam assim: “Que coisa bem boa! Para Pelotas, pra todo município, porque uma menina com doze anos ir pra Granja Comary...” Toda escola, todo mundo, estava assim...*Bah!* Foi muito bom.

S.R. – Legal. Meus parabéns pela sua neta e parabéns pela senhora também.

M.K. – Meu muito obrigada.

[FINAL DA ENTREVISTA]

⁷ Apelido do Esporte Clube Pelotas